



MEMÓRIA, FLUXOS MIGRATÓRIOS E CULTURA DO KARATÊ NO VALE DO SÃO FRANCISCO¹

Pedro Augusto Pereira Lago Filho²

José Márcio Gondim de Vasconcelos Filho³

RESUMO

O estudo investigou a história do karatê no Sertão do Vale do São Francisco. Trabalhou com a história oral como método e utilizou entrevistas com mestres de karatê como forma de constituir suas principais fontes. Os dados permitem discorrer que houve um fluxo migratório aparentemente atípico que propiciou a chegada do karatê na região estudada; a influência da indústria cultural foi notória na constituição e condução de um mercado para as lutas.

PALAVRAS-CHAVE: Karatê; História oral; Fluxo migratório.

1 INTRODUÇÃO

O karatê enquanto manifestação cultural é constituído por uma gama de influências. Com relação à confluência de aspectos históricos com influências geopolíticas, chama atenção a proximidade do arquipélago de Okinawa, pólo de desenvolvimento dessa manifestação cultural, com o Japão (a nordeste) e o território chinês (a oeste). Tal proximidade, aliada às dificuldades de circulação pelo deslocamento marítimo, criou um ambiente peculiar para os processos de aculturação que culminaram no que passou a ser conhecido como karatê.

Com a incorporação de Okinawa pelo Japão, em 1879, e a abertura político-cultural vivenciada por essa nação, alguns mestres levaram seus conhecimentos para a parte central do arquipélago japonês. A arte marcial passou a ser conhecida como karatê-dô, ou o caminho das mãos vazias (FROSI E MAZO, 2011), e recebeu influências que aproximaram o karatê dos ordenamentos e controles da modernidade.

Segundo Frosi (2012), o fim da segunda guerra e a desestabilização da nação japonesa, trouxeram um aumento do fluxo migratório do Japão para a Europa e América e vários mestres de karatê compuseram essa massa de imigrantes levando a modalidade a fazer parte de uma cultura global. O acesso a registros históricos sobre o karatê no Brasil indica duas versões sobre a introdução oficial no país; uma imputa o pioneirismo a Mitsuke Harada, em São Paulo, e outra a Yasutana Tanaka no Rio de Janeiro (VIANA, 1996).

¹ Este trabalho contou com apoio financeiro da FACEPE.

² Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), pedrinho_askape@hotmail.com

³ Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sertão Pernambucano (IF SERTÃO PE), jmarciogondim@gmail.com

Esta pesquisa teve como norte a construção de uma narrativa histórica sobre as origens do karatê na região do Sertão do Vale do São Francisco, contada pelos mestres da região. Interessa-nos compreender o contexto social que envolveu tal processo, refletindo sobre os fluxos migratórios que trouxeram os mestres ao sertão, o processo de aculturação resultante da chegada do karatê e as influências ligadas à formação do mercado profissional.

2 METODOLOGIA

O estudo utilizou a história oral como proposta metodológica e partiu da premissa da construção da história a partir da concepção de quem a viveu, buscando dessa forma uma aproximação como o objeto de estudo (ALBERTI, 2005); daí a necessidade de aprofundar a investigação com o intuito de ratificar as relações entre memória e identidade. A este respeito nos apoiamos em Pollak (1992) para compreender que a memória constitui-se a partir das percepções identitárias individuais e coletivas.

Como forma de dialogar com as subjetividades das memórias dos entrevistados, também recorreremos a registros históricos de natureza não oral. Nesse sentido, apesar da pesquisa ter dado ênfase nas coletas a partir de relatos orais, não se absteve de procurar e recolher distintas fontes históricas materiais, tais como jornais, cartas, diplomas, fotografias, vídeos, troféus e medalhas. Para a coleta das fontes orais, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas. Foram entrevistados seis professores de karatê e chegamos a eles através da indicação contínua, abordagem na qual cada entrevistado apontou para o próximo a partir de suas referências no karatê local. A ideia foi conseguir chegar até os mestres descritos como precursores. A pesquisa foi aprovada por um Comitê de Ética em Pesquisa, com o CAAE 41191315.8.0000.5196.

3 DESCRIÇÕES E INTERPRETAÇÕES

A chegada do karatê na região do Vale do São Francisco aponta para o protagonismo de três mestres⁴ e dois aspectos chamaram a atenção. O primeiro se revela a partir de um fluxo migratório em sentido inverso ao que historicamente encontramos definido. O Vale do São Francisco é exemplo da possibilidade do desenvolvimento de regiões consideradas inóspitas e pouco atrativas em virtude da pouca e irregular precipitação pluviométrica que caracteriza o sertão nordestino. Aliás, tal construção histórica vinculada à região ainda é causa de deturpação dos potenciais de desenvolvimento local e regional. O processo de crescimento que caracteriza o Vale do São Francisco leva em consideração, não o combate a um fenômeno natural e característico do semi-árido, mas sim a convivência com tal realidade, incentivada por ações que reforçam os aspectos positivos do chamado bioma caatinga, único no planeta (SILVA, 2006). O segundo aspecto trata de um processo de aculturação, que em seu sentido sociológico diz respeito ao contato entre duas ou mais matrizes culturais, levando ao surgimento de uma nova cultura. Ao nos debruçarmos sobre a vinda do karatê para a região, tornou-se possível compreender uma modificação da visão social sobre as lutas e os valores a elas

4 Dois deles ainda estão vivos e foram entrevistados para esta pesquisa.

vinculados. A investigação feita colabora para reforçar tal compreensão e passa pelo relato da atuação dos mestres Paulo, Rodrigo e João⁵.

Existem evidências de que o mestre João, ainda na década de 1960, iniciou um trabalho com o ensino do karatê no sertão do São Francisco. João imigrou do sertão nordestino para São Paulo na década de 1950 e conheceu o karatê quando trabalhou nas lavouras paulistas junto com imigrantes japoneses. Ainda em São Paulo, João aprendeu outras técnicas de luta e acabou por tornar-se lutador profissional de “valetudo”. Com as dificuldades de sobrevivência em São Paulo e as notícias do desenvolvimento da cidade de Petrolina, João participou de um fluxo migratório – retorno dos nordestinos (ou dos seus descendentes) – contrário ao que é ordinariamente destacado pela história do Brasil. Voltando ao sertão se apropriou de um discurso que utilizava o termo karatê para englobar, de forma genérica, as diferentes técnicas de lutas então ensinadas por ele.

No ano de 1976 o mestre Rodrigo chega ao vale do São Francisco. Rodrigo veio da de Feira de Santana, cidade baiana próxima à capital do estado, apostando no sonho de ter no karatê seu esteio profissional. Na promissora região sertaneja, após as dificuldades iniciais, concretizou metas e constituiu sua vida a partir das aulas de karatê. Não se sabe até que ponto as dificuldades enfrentadas no início apontavam para uma visão deturpada quanto às lutas como prática corporal, mas os relatos nas entrevistas deixam claro que a chegada do mestre Rodrigo trouxe outra perspectiva social para o ensino das lutas; as palavras de um dos entrevistados associam tal chegada a “outro karatê”, tendo em vista os aspectos filosóficos, o caráter disciplinar presente na prática, os códigos de moralidade associados e as diferenças pedagógicas quanto à maneira de repassar os ensinamentos.

Referências também foram feitas ao mestre Paulo, outro importante mestre responsável pela introdução da modalidade na região, que começou sua trajetória nas modalidades de boxe e judô, mas, ainda na década de 1970, passa a ter contato com karatê através de estudos e professores que passaram pela região, montando assim, um dojô na cidade baiana de Juazeiro.

A partir das falas dos entrevistados foi possível perceber a volatilidade do mercado das lutas na região e quanto às influências externas operam sobre as possibilidades e meios de se viver da luta. A alternância de bons e maus momentos, de acordo com a fala dos entrevistados, denotou uma adesão às lutas vinculada ao modismo ditado pela mídia, atrelando as modalidades mais praticadas àquelas com melhor veiculação midiática no momento. Tal fato não é novidade, há muito tempo que as críticas sobre o poder exercido pela indústria cultural na constituição da sociedade moderna denunciam essa volatilidade (ADORNO, 2009), mas a história do karatê do Vale do São Francisco mostra isso de forma explícita. As décadas de 1980 e 1990 apontaram para um crescimento do número de praticantes de karatê que, de acordo com os mestres entrevistados, foi consequência da maior veiculação dessa luta na TV e no cinema. Impute-se ao fato a própria modificação da ênfase dada por um dos mestres que em seus primeiros anos na região (década de 1960) se dedicava às lutas de valetudo, mas passa a buscar consolidação profissional na modalidade de karatê como forma de adaptação ao momento do mercado.

⁵ Mantivemos o sigilo com relação aos participantes da pesquisa. Nenhuma informação coletada será relacionada ao entrevistado que a forneceu. Os nomes utilizados são fictícios.

Sobre essa de adaptação em função do mercado, e da indústria cultural, percebemos que especialmente a partir do ano 2000 houve um aumento na procura e na adesão a outras modalidades de luta, que ao mesmo tempo tiraram e acrescentaram potencial de mercado ao karatê. A modalidade conhecida como artes marciais mistas (ou MMA) gerou grande exposição midiática e a criação de novos mercados consumidores para as artes marciais. Na fala dos mestres entrevistados, o MMA surge como alternativa para ampliação de mercado de trabalho, porém dificulta a manutenção de valores como disciplina e formação humana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apresentam similaridades quando associamos tal estudo à história do karatê em outras regiões. A existência de disputas relacionadas ao pioneirismo, a presença de uma tradição quase familiar na manutenção do karatê como opção profissional e o papel da indústria cultural para a abertura e expansão do mercado de trabalho constituem essas similaridades.

A modificação da visão social sobre a prática das lutas como modalidade esportiva, associando a prática a valores da formação humana como fator para ampliação do mercado profissional e finalmente o modismo relacionado a novos estilos que proporcionam opções de trabalho, mas ameaçam a essência das lutas como parte do processo civilizatório (ELIAS, 1992), também foram notados.

Observamos também a presença de um fluxo migratório em sentido contrário ao historicamente relatado, ocorrido na busca por melhores condições de vida. O que parece ser uma contradição, pela forma como em geral o sertão nordestino é apresentado, aponta uma realidade pouco difundida, no sentido de mostrar a região sertaneja como viável e com possibilidades de crescimento, desde que a convivência com o semiárido seja estimulada em todas as dimensões, inclusive políticas e econômicas.

MEMORY, MIGRATORY FLOWS AND KARATE CULTURE IN SAN FRANCISCO VALLEY

ABSTRACT: The study investigated the history of karate in the backwoods of San Francisco valley. It worked with oral history as a method and used interviews with masters of karate as a way to constitute the main sources. The data allow us to explain that there was an apparently atypical migratory flow that led to the arrival of karate in the studied region; the influence of the cultural industry was notorious in the constitution and conduction of a market for the fights.

KEYWORDS: Karate; Oral history; Migratory flow.

MEMORIA, FLUJOS MIGRATORIOS Y CULTURA DE KARATE EN EL VALLE DEL SAN FRANCISCO

RESUMEN: El estudio investigó la historia de karate en el interior del Valle del San Francisco. Se trabajó con la historia oral como método y usa entrevistas con los maestros de karate con el fin de constituir sus principales fuentes. Los datos permiten discurso que hubo una migración aparentemente atípica que dio lugar a la llegada de karate en el área de estudio; la influencia de la industria cultural era evidente en el establecimiento y la conducción de un mercado para los combates.

PALABRAS CLAVE: Karate; Historia oral; Migración.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes (V. 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FROSI, T. O. **Uma história do karatê-do no Rio Grande do Sul**: de arte marcial a prática esportiva. Dissertação (Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
- FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Repensando a história do karatê contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n.2, p. 297- 312, abr./jun. 2011.
- POLLAK. M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SILVA, R. M. A. **Entre o combate à seca e a convivência com o semiárido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. Tese (Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
- VIANNA, J. A. Valores tradicionais do karatê: uma aproximação histórica e interpretativa. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG / EEF, p. 552-560, 1996.